

## **NÓS POR NÓS MESMOS - um relato de experiência decolonial em educação no Complexo da Maré**

Cristiano Sant'anna de Medeiros<sup>1</sup>  
Isadora Souza Silva<sup>2</sup>  
João Victor Gonçalves Ferreira<sup>3</sup>

### **Resumo**

Este ensaio é registro de uma reflexão nascida a partir da prática vivida por nós, autores, há mais de quinze anos atuando como profissionais de educação em áreas conflagradas da cidade do Rio de Janeiro e Grande Rio. A ação educacional descrita, aconteceu no Complexo da Maré, especificamente na Escola Municipal Nova Holanda, situada na favela que leva o mesmo nome, mas poderia ter acontecido em qualquer outra comunidade carioca, haja visto as peculiaridades existentes num contexto de favela, que tem na ausência do poder público, seu maior desencadeador. Numa escrita insurgente pautada na decolonialidade, mantemos diálogo com nossos pares, autores e pesquisadores das favelas, quebradas e periferias do sul global, que busca olhar os saberes dessas localidades com a mesma relevância de saberes outros.

**Palavras-chave:** favela, escola, decolonial.

## **WE FOR OURSELVES - an account of decolonial experience in education at Complexo da Maré**

### **Abstract**

This essay is a record of a reflection born from the practice lived by us, authors, for more than fifteen years working as education professionals in conflicted

<sup>1</sup> Doutorado e Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Professor da Secretaria de Estado de Educação: Rio de Janeiro. Membro pesquisador e vice líder do grupo de pesquisa Kékeré (Proped/UERJ/CNPQ). Membro pesquisador do Grupo de pesquisa CUNADI (Proped/UERJ/CNPQ). E-mail: [cs-medeiros@uol.com.br](mailto:cs-medeiros@uol.com.br). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7797-663X>.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação - PROPED- UERJ. Mestre em Educação, Comunicação e Cultura, pela UERJ. Especialista em Políticas Públicas em Educação pela UFRJ. Professora da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro - SME/RJ. E-mail: [isadora24@bol.com.br](mailto:isadora24@bol.com.br). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0235-3144>.

<sup>3</sup> Licenciado em Geografia (UFRJ). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd-UERJ). Professor do Colégio Teresiano. E-mail: [jvferreira07@gmail.com](mailto:jvferreira07@gmail.com). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0645-0876>.

areas of the city of Rio de Janeiro and Grande Rio. The educational action described, took place in the Complexo da Maré, specifically at the Escola Municipal Nova Holanda, located in the favela that bears the same name, but could have happened in any other community in Rio, having seen the peculiarities existing in a context of the favela, which has the greatest trigger in the absence of public power. In an insurgent writing based on decoloniality, we maintain a dialogue with our peers, authors and researchers from the favelas, broken and peripheries of the global south, which seeks to look at the knowledge of these locations with the same relevance as other knowledge.

**Keywords:** favela, school, decolonial.

## **NOSOTROS PARA NOSOTROS MISMOS: un relato de la experiencia descolonial en educación en Complexo da Maré**

### **Resumem**

Este ensayo es un registro de una reflexión nacida de la práctica vivida por nosotros, autores, durante más de quince años trabajando como profesionales de la educación en áreas conflictivas de la ciudad de Río de Janeiro y el Río Grande. La acción educativa descrita tuvo lugar en el Complexo da Maré, específicamente en la Escola Municipal Nova Holanda, ubicada en la favela que lleva el mismo nombre, pero podría haber sucedido en cualquier otra comunidad en Río, habiendo visto las peculiaridades existentes en un contexto de la favela, que tiene el mayor desencadenante en ausencia de poder público. En un escrito insurgente basado en la descolonialidad, mantenemos un diálogo con nuestros pares, autores e investigadores de las favelas, las fracturas y las periferias del sur global, que busca ver el conocimiento de estos lugares con la misma relevancia que otros conocimientos.

**Palabras clave:** favela, escuela, descolonial.

### **Introdução**

“Nos tiraram tanto, que nos tiraram até o medo”  
(frase exposta num cartaz em uma das manifestações no Chile, 2019).

Este ensaio é registro de uma reflexão nascida a partir da prática vivida por nós, autores, há mais de quinze anos atuando como profissionais de educação em áreas conflagradas da cidade do Rio de Janeiro e Grande Rio.

A ação que será descrita ao longo deste ensaio, aconteceu no Complexo da Maré, especificamente na Escola Municipal Nova Holanda, situada na favela que leva o mesmo nome, mas poderia ter acontecido em qualquer outra comunidade carioca, haja visto as peculiaridades existentes num contexto de favela, que tem na ausência do poder público, seu maior desencadeador.

Com experiências em escolas que ultrapassam uma década, transitamos por diferentes funções ao longo do tempo: coordenadores, diretores-gerais, supervisores, mas temos em comum o fato de sermos professores, e disso não nos distanciamos. Lecionar em bairros e regiões como o Complexo da Maré foi uma escolha, permanecer lá por todo esse tempo também. Apesar de termos experiências outras, com diferentes setores da sociedade civil, assim como em escolas da rede privada, foi nessa região denominada favelas, muitas vezes com ar de desdém por muitos, que nossas histórias convergiram. Foi ali que encontramos nossos pares, foram para aquelas crianças e jovens que optamos por dedicar nossas poucas horas de sono, nossos alguns anos de estudos e nossas vidas profissionais.

Somos “cria”<sup>4</sup> do subúrbio e da Baixada Fluminense do RJ, crescemos e estudamos em escolas de bairro, algumas públicas também. Labutamos entre trabalho e universidades para conseguir chegares-te essas linhas. Enxergamos na educação uma maneira de subverter a lógica cruel do mundo que nos enxerga como mercadoria.

Mestres, mestrandos, doutorandos e doutores em educação, alinhamos nossa escrita, assim como a vida à esquerda. Não poderíamos estar em outro lugar. Trabalhamos para massa trabalhadora porque nela nos, reconhecemos.

Escrevemos normalmente em primeira pessoa do plural, prática adquirida com os Estudos dos Cotidianos, onde pousamos nossas reflexões acadêmicas. No entanto, experiência a ser relata agora não é só nossa. Ela traz consigo toda uma trajetória de vida de 58 anos de uma instituição escolar. O que seria de uma instituição se não fosse as pessoas que a compõem? Podemos

---

<sup>4</sup> “Cria” é um vocábulo usado nas favelas cariocas para classificar moradores antigos das localidades.

ir além: o que seria uma instituição educacional se não fosse à comunidade em que ela está inserida?

Acreditando nisso, na força da ancestralidade que cunhou a história dessa escola e dessa comunidade, nas histórias de vida que formam nossa memória coletiva, daqui em diante contaremos essa história “mareense” pensando em todos que nos permitiram chegar até aqui.

Também seguindo essa linha de raciocínio procuraremos manter diálogo com nossos pares, autores e pesquisadores das favelas, quebradas e periferias do sul global, numa tentativa de romper com o cânone acadêmico e assim seguir acreditando que a insurgência virá dos povos subalternizados. Não por desacreditar no olhar estrangeiro dos outros - os etnólogos acadêmicos que constantemente nos visitam - e sim por saber que entre becos e ruas estreitas das favelas há um conhecimento-potência que pode transformar vidas. Porque se há alguém que deva narrar nossas vidas e experiências, que seja nós por nós mesmo.

### **Experiências exitosas em favelas - entre perplexidade e desconfiança**

“É necessário acreditar que o sonho é possível, que o céu é o limite e você é imbatível.” Racionais MC

Todas às vezes que somos convidados ou nos propomos a participar de seminários, congressos ou qualquer outro encontro, onde podemos relatar nossa experiência cotidiana, é comum haver nas falas ou mesmo olhares dos outros participantes, um misto de indagação e desconfiança, afinal viemos da favela.

Adotamos o termo favela por entender que esse é um conceito permeado de história e singularidades. Rejeitamos o conceito de comunidade, afinal comunidade qualquer grupo pode ser, favela não. Essa identificação e pertencimento podem ser exemplificados numa situação que vivenciamos na última edição da ANPED<sup>5</sup>, em 2019. Estávamos participando como ouvintes das

---

<sup>5</sup> 39ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

apresentações do Eixo 23- Relações Étnicas- raciais e havia na sala, também como ouvintes, um grupo de estudantes do ensino médio. Ao final, no momento destinado às perguntas, alguns deles pediram a fala. Um em especial conseguiu silenciar a todos. Sua pergunta foi: “- Como vocês, pessoas que estudam tanto, acham que NÓS FAVELADOS, que vocês chamam de PERIFÉRICOS, devemos mudar essa sociedade?” O silêncio se deu por não haver uma resposta exata para pergunta tão grandiosa. O que nos tocou naquela indagação era o fato dele, aluno de ensino médio, 17 anos, morador de Belford Roxo saber da diferença da sua identificação com a favela. Quem é o outro para dizer que sou periférico? Desde então, não nos restou dúvida: somos da favela.

O que colocamos em todas essas situações, e temos como entendimento norteador de nosso trabalho é que antes de tudo, somos da Escola. Atravessados e compostos por toda essa pulsão de sua localidade, porém somos escolas. Entendemos que as diferentes instituições, entre elas a escola, se estruturam num espaço imaginário e simbólico cultural. Nesse espaço, identidades são forjadas: identidades pessoais, profissionais, de grupos e institucionais. As relações tecidas neste ambiente e a partir dele são permeadas de valores culturalmente estabelecidos que ora se aproximam e se completam, ora se distanciam e se refutam. É uma constante negociação, e para isso alinhamo-nos a crítica que a autora Carla Akotirene faz para não cairmos nesses mesmos erros:

O problema não está necessariamente nas respostas identitárias dadas a matriz colonial, mas quais metodologias usaram para formular tais respostas, que não raro, enveredam para uma dependência epistemológica da Europa Ocidental e EUA (Akotirene, p.35, 2019).

Encontramos na literatura educacional que se ocupa em pensar as interfaces entre educação e cultura nas últimas décadas no país (CANDAU, 2014) propostas que apontam para um caminho onde o respeito à diferença, à pluralidade cultural com base na diversidade de raça, gênero e classe social como forma de amenizar e superar a tensão advinda dessa negociação, fomentando a necessidade de trabalhar temas transversais que integrem

culturas distintas, diminuindo os preconceitos e intolerâncias, apontando caminhos para um ideal de currículo intercultural.

Encontramos também, antagonicamente, nas falas dos diferentes atores educacionais das escolas a dificuldade em enxergar a cultura como terreno central do processo curricular, assim como os embates consequentes da pluralidade cultural encontrada nos cotidianos escolares. É comum ouvirmos dos próprios colegas: *“Ele não sabe nada porque os pais são analfabetos”*. *“Essas crianças não saem da favela, por isso não conhecem nada!”*, *“Já viu a família? Como essa criança vai aprender?”* *“Só sabe falar de arma e dançar funk!”* Fica explícito que na organização curricular, em especial de escolas públicas de favelas, existem tensões oriundas dessa pluralidade, frequentemente geradoras de conflitos que poderiam transformar-se em práxis de enriquecimento e renovação da atuação docente se adotássemos por completo uma postura intercultural crítica como descrita por Walsh, (2009):

A interculturalidade crítica se preocupa com a exclusão, negação e subordinação ontológica e epistêmico-cognitiva dos grupos e sujeitos racializados; com as práticas - de desumanização e de subordinação de conhecimentos - que privilegiam alguns sobre outros (...). Mas, e adicionalmente, se preocupa com os seres de resistência, insurgência e oposição, os que persistem, apesar da desumanização e subordinação. (Walsh, p.25, 2009)

Entendemos que para haver essa transformação, precisamos ter duas tomadas de consciência sobre nossa prática. Primeiro não podemos perder de vista que a Escola é uma instituição que atualmente vive um choque de culturas cotidianamente. Na sua estrutura tem a instituição, os professores e alunos, cada um com sua idade, seu tempo e obviamente suas culturas. Lembremos que a Escola é uma instituição do séc. XIX, talvez a mais bem sucedida das instituições modernas. Seus professores são pessoas do séc. XX, seus alunos do séc. XXI. Inevitavelmente teremos choques culturais. Segundo encontramos a necessidade de entendermos, aceitarmos e definitivamente organizarmos nossos trabalhos a partir do pressuposto que não estamos apartados da



sociedade, do mundo que nos cerca, desta forma, precisamos dialogar com o território onde estamos inseridos, seja ela qual for.

Entendendo esses dois princípios poderemos começar a refletir sobre qual escola é essa que temos hoje, e se ela contempla e/ou dialoga com as diferentes culturas que a atravessam.

Trazendo essa reflexão para o nosso cotidiano, outro ponto importante a ser destacado é: atualmente vivemos no Estado do Rio de Janeiro um clima de tensão e risco próprio de regiões de guerra. Na verdade, vivemos numa guerra civil. Se defendermos a ideia de que a Escola não está apartada da sociedade, não podemos fechar os olhos para isso. Não podemos esquecer que ao estarmos localizadas dentro de uma favela, sofremos interferências, de diferentes ordens, de tudo que acontece nessas localidades. Não podemos esquecer também que são os profissionais de educação, com os profissionais de saúde (esses em número bem menor), que entram nas favelas diariamente **sem a intenção da morte!**

Outros três fatores, que se exprimem em diferentes verbos são importantes para entender uma escola num contexto de favela: o primeiro é você *ir* à favela; visitar, conhecer, pesquisar ou supervisionar. Características típicas de pesquisadores, artistas e dirigentes de políticas públicas. O segundo é *estar* nas favelas; a maioria de nós, professores e profissionais de educação, apenas estamos nesses espaços diariamente. Vivenciamos suas peculiaridades cotidianamente, mas retornamos para casa, diferente das pessoas que compõem o terceiro verbo que é o **viver** numa favela, próprio dos nossos alunos e colegas profissionais de limpeza e cozinha terceirizados e alguns pouquíssimos professores. Entender a diferença e a importância de cada uma dessas dimensões é crucial para um resultado no mínimo respeitoso.

Entender esses princípios e diferenciações nos faz refletir sobre o nosso papel enquanto professores. Faz-nos sair da tão falada zona de conforto. Acreditamos ser necessário sair literalmente do espaço físico da escola para entender isso, não como tour underground que algumas agências de turismo oferecem nas favelas da zona sul da cidade. Afinal não há nada de exótico ali. Porém, sair um pouco do seu espaço, dar uma volta pela comunidade onde sua

escola está inserida te aproximará um pouco do seu aluno e da realidade em que ele está inserido. Quem sabe, fará você entender quem é ele, e o quanto nós não somos diferentes uns dos outros. Entendendo o contexto onde estamos todos inseridos ajudará a compreendê-lo melhor, e quem sabe consigamos reconfigurar o espaço vivenciado (Candau, 2010) também por todos. Dessa forma a escola deixa de ser espaço pensado e organizado há séculos atrás e ganha novos formatos.

### Vivências no Complexo da Maré

*“Favela, pega a visão  
Eu faço fé na minha gente  
“Que é semente do seu chão”  
(samba enredo da Mangueira 2020)*

Tal fato se torna imperativo quando tratamos de um espaço escolar localizado num território conflagrado de uma grande cidade como o Rio de Janeiro, as chamadas favelas cariocas. Estas receberam ao longo do tempo, classificações estereotipadas cujo marcador maior é a violência, como dito por Diniz (2019) Diretor da Redes da Maré e pesquisador:

“A favela, na verdade, foi e continua sendo tratada como o espaço da não cidade”. Um território onde os direitos dos moradores podem ser suspensos e o Estado — que deveria ser o guardião da lei e da Constituição — em nome da segurança pública age, em muitos casos, ao arrepio da lei. (DINIZ, p.9, 2019)

Esses estereótipos se desdobram aos seus moradores em forma de preconceito, segregação e aniquilamento, no Complexo da Maré não é diferente.

O Complexo da Maré é um conjunto de 16 favelas situado na zona norte da Av. Brasil, importante avenida que corta parte do município, da zona portuária até o seu extremo oeste, ligando-o aos municípios limítrofes e a outras grandes rodovias. Sua localização é privilegiada uma vez que se encontra



próximo da região central e comercial da cidade e pela vasta oferta de transporte público que circula na região.

As favelas desse complexo estão cercadas pela Baía da Guanabara, motivo pelo qual foi batizado como Parque Maré na década de 60. Por se tratar de uma região localizada sobre um aterro, o Parque Maré em suas primeiras edificações eram invadidas constantemente pelo nível da água quando a maré subia. Por isso uma das maiores e mais conhecidas favelas do complexo, foi batizada como Nova Holanda em alusão ao país europeu, localizado abaixo do nível do mar, e o nosso lugar de fala (Ribeiro, 2019).

A carência de políticas públicas, fatores sociais e econômicos contribuíram para construção de parte do imaginário coletivo sobre esse conjunto de favelas e sua população. A falta da presença do poder público traduzido em descaso com os moradores da região corroborou para que o tráfico de drogas, configurado em um poder paralelo, se estruturasse na região, tornando-a um lugar pouco amistoso. Carência em uma favela não se encontra apenas no fator econômico, talvez ele seja o precursor. Faltam serviços básicos de moradia, saneamento básico, saúde, lazer e cultura. Não existem aparelhos culturais no interior de uma favela (cinema, teatros, bibliotecas). Os poucos que existem atualmente são frutos de um trabalho militante de atores sociais, moradores ou ex-moradores dessas localidades, apoiados ou não por empresa privadas. A única representação do Estado que sempre esteve presente nessas localidades em missão pacífica é a escola.

Arthur Viana, articulador de territórios da Redes da Maré e morador do Complexo da Maré vai além:

Afirmar que o Estado não se faz presente nas favelas é uma falácia. O Estado está nas favelas, porém não de forma a garantir e efetivar direitos. Essa relação contraditória, do não pertencimento com as questões do território foi construída historicamente. É afirmada, por exemplo, quando se decide investir R\$1,18 milhões por dia em policiamento e não em educação para a mesma população. Não existindo política preventiva, enxergando esses moradores apenas como números e corpos a serem abatidos ou encarcerados. Apenas culpabilizando esses indivíduos, sem questionar o contexto social no qual estão inseridos (Arthur Viana, p.25, 2019).

Assim como o tráfico de drogas se aproveitou das brechas do poder público para se instalar e fazer suas próprias leis nos territórios que se apropriaram, a arte e a cultura também subverteram essa lógica cruel e excludente e criaram seus espaços e seus movimentos próprios. O funk carioca que hoje toca e faz as pessoas dançarem até o chão em todo país, nasceu das ruas e becos das favelas. Aos moradores e viventes de espaços renegados pelo poder público, se nada lhes for oferecido eles criam. Desta forma, a cultura das favelas ganhou o mundo pelas “brechas” (Walsh, 2016).

É normal para quem mora ou transita pelas ruas e becos de uma favela, encontrar diferentes sons advindos de distintos lugares. A música reverbera alto em caixas de sons, carros e amplificadores por toda comunidade. São diferentes estilos musicais, os mais predominantes são o funk, o gospel e o forró. Entrar pelas ruas principais da Nova Holanda numa segunda-feira às sete da manhã é poder ficar frente a frente com a realidade de uma favela. Em cada trailer, barraca ou loja toca um ritmo musical. Parte dos moradores está caminhando em direção à Avenida Brasil, é hora de ir trabalhar. Crianças, acompanhadas ou não de seus responsáveis, estão uniformizadas, indo para escola. Alguns poucos remanescentes do baile que começou no sábado ainda estão pelas ruas e becos. O tráfico, de funcionamento full time, permanece em seus postos. Tudo isso sempre em altos decibéis. Como um dia foi dito para uma de nós, vindo de uma senhora, Dona Guilhermina, moradora e servente de uma unidade educacional da localidade, quando estas conversavam sobre o horário de funcionamento do comércio local “a favela não dorme, minha filha”. A favela não dorme e a favela grita, basta queremos ouvir.

A percepção das consequências de toda essa pulsão é facilmente decodificada em uma sala de aula. Umas das insatisfações repetidas nas falas das professoras é a dificuldade na concentração ou atenção dos alunos. Como pedir silêncio ou ensinar às crianças de faixa etária de 06 a 12 anos que é necessária tranquilidade para que possamos refletir sobre qualquer conhecimento, ou mesmo que não precisamos gritar, ou gesticular para nos

comunicarmos? Como construir esses saberes com crianças que convivem diariamente com a sonoridade em alto volume, independente da sua própria vontade?

Mas ainda há outros sons. A sonoridade tem uma relação específica num contexto de favela. Os diferentes sons vindos dos rojões de fogos do tráfico de drogas são marcadores comportamentais. Dependendo do número de estampidos ele pode significar diferentes situações: o retorno de um recém-liberto do sistema carcerário, o aniversário de alguém ou a chegada da polícia.

Nos últimos anos, outro som tem alterado a vida de moradores e trabalhadores das favelas cariocas: o do helicóptero. Devido à adoção desse equipamento por parte da Secretaria de Segurança Pública em combate armamentista ao tráfico de drogas, e após as recentes declarações do atual governador do estado sobre o uso de policiais altamente treinados em tiros letais, os chamados Snipers, o que antes era reconhecido apenas como meio de transporte e que despertava curiosidade nas crianças, atualmente é sinônimo de medo e morte para todos.

Não há como negar que corpos e mentes são diretamente influenciados por essa confluência de sons e respectivamente de imagens produzidas a partir deles. Pedir o silêncio ou o baixo tom da voz às crianças nessa faixa etária é de uma dificuldade tamanha, ainda mais quando estas vivem esse dia-a-dia.

O mesmo acontece com os corpos. Corpos inquietos, que gesticulam e praticamente falam são fáceis de serem traduzidos. Andar pelas estreitas ruas e becos de uma favela nos faz perceber que a infância nessas localidades começa pela privação do brincar. Confinados a poucos metros quadrados de suas pequenas residências o quintal da favela é a rua. Como permitir que uma criança de tão pouca idade brinque na rua sobre a iminência do contato com armas, tiros, drogas e outros fatores que lhe colocam em risco?

A resposta acima é facilmente respondida quando observamos o horário do recreio dessas crianças. Apesar dos inúmeros esforços de alguns professores em apresentar-lhes brincadeiras como a de elástico, roda, amarelinha entre outras, a maioria insiste em correr e gritar. É uma espécie de pique-pegas coletivo onde todos correm uns atrás dos outros, sempre acompanhados de

gritos. É fácil percebermos a necessidade dessas crianças de extravasar energia e que só ali, naquele nem tão grande espaço escolar é possível fazer. A escola nesse momento ganha outro contexto, passa a ser o espaço onde a criança pode ser criança.

Fanon (2008) em seus estudos sobre o colonialismo, focando-se na esfera psicológica da dominação colonial na Martinica nos ensina que a agenda colonizadora tem como pressuposto a dominação e destruição de corpos, língua e cultura. A questão colocada pelo autor em relação a brancos e negros, pode ser entendida em nossa reflexão pelo viés econômico e social, sem perder de vista que a grande massa moradora de comunidades e favelas é composta por negros. Para ele “a guerra é um negócio comercial gigantesco e toda a perspectiva deve ter isto em conta. A primeira necessidade é a escravização, no sentido mais rigoroso, da população autóctone” (ibidem: 37-38).

Seguindo o pensamento de Fanon (2008) o processo colonial ainda hoje é imposto nos territórios de favelas, e nessa sociedade dividida, a polarização é cunhada pelo poder econômico e mantido pelas armas. Confinar pessoas aos restritos espaços das favelas, subjugando-os e os abandonando a própria sorte, marginalizando-os ou tentando moldar seus corpos, linguajar e modos de vida a luz do que é dito como aceitável são prerrogativas de uma agenda de dominação. Fernanda Viana, assistente social, ativista de movimentos social e também moradora do Complexo da Maré define:

Pegamos todas as nossas dores e medos e transformamos em garra, em luta, em vontade de mudanças para uma política de segurança pública, onde de fato nos traga segurança e não atravesse nossas vidas de forma tão violenta, que respeite a vida e trabalhe com inteligência. Para que nossas vidas não se resumam em resistir e sobreviver entre uma barbárie e outra. (Fernanda Viana, 2019, p.33)

Flávia Candido, feminista negra, estudante de Letras e também moradora ratifica:

Não houve testemunhos sem lutas (...). O acolhimento aos filhos após as opressões feitas pelo Estado é sempre doloroso. Conversar e tentar amenizar o sofrimento dos seus em relação

aos abusos é um exercício difícil, falar sobre resistência nesses momentos é sempre com um grande nó na garganta, fazer a aflição vivida por seus filhos não se tornar revolta é a vitória nessas ocasiões (Flávia Candido, p42; 2019)

No entanto, nesses mesmos espaços ainda há escolas...

### **Decolonizando posturas e pensamentos - um exemplo para construção de novos currículos**

“Todas as ciências  
De baixa tecnologia  
Todas as cores escondidas  
Nas nuvens da rotina”  
O Rappa

Numa reconfiguração escolar, necessária e urgente, é preciso prestar atenção no que foi posto anteriormente. A escola não está apartada do mundo! Diferentes culturas a atravessam e a constituem. Mas a partir de tudo que foi dito ainda resta uma pergunta: com essa diversidade cultural no qual estamos imersos, tem lugar para tudo na escola? Considerando que estamos tratando de áreas onde o poder público pouco atua, onde aparelhos culturais são praticamente inexistentes e faltam serviços essenciais à população cabe à escola assumir-se como promotora cultural. De qual cultura estamos falando?

Lembrando que a violência infelizmente é um dos marcadores das favelas do RJ precisamos entender que nem tudo deve ser aceite naturalmente na escola. Existem ressalvas. Porém, tirando os aspectos da violência e entendendo a instituição como lugar de promoção de cultura, cabe a nós, profissionais atuantes e, consequentemente responsáveis por parte da seleção do que deve ou não ser trabalhado nela, nos enxergarmos também como produtores culturais. Nós, para estarmos aqui, obviamente temos um arcabouço teórico formado ao longo de alguns anos de formação e labuta acadêmica. Mas não é só isso que nos respalda.

Não é apenas o saber acadêmico, oriundo, em sua maioria, do hemisfério norte do globo que legitima nossa prática e formação. Nossa vivência diária nos diferentes complexos que não só o da Maré, assim como os saberes mareenses

passados de geração a geração nos respaldam sim e legitimam nosso lugar de fala (Ribeiro, 2019). Acreditamos que os saberes daqueles que estão na ponta, nos cotidianos das escolas, em diferentes localidades geográficas, muitas vezes sendo tragados pelas dificuldades do dia-a-dia, acabam se distanciando dos processos reflexivos, e não são vistos e aceitos como fundamentais para processo educacional, o que não deveriam ser.

Da mesma forma que nos calamos e somos tragados pelas agruras diárias e acabamos por não entender nossas práticas como parte do constructo cultural da educação, tendemos também a não enxergar nas produções locais que nos cercam a devida relevância cultural. Passamos a olhar apenas aquilo que vem de fora como contribuição cultural. Precisamos entender que as favelas também são produtoras de cultura, que podem e devem fazer parte do nosso currículo, Ribeiro (2019) ao definir o conceito de lugar de fala nos ajuda a pensar nessa produção de conhecimentos e culturas:

No Brasil, comumente ouvimos esse tipo de crítica em relação ao conceito, porque os críticos partem de indivíduos e não das múltiplas condições que resultam nas desigualdades e hierarquias que localizam grupos subalternizados. As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratados de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. Isso de forma alguma significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silenciamentos institucionais, ao contrário, existem várias formas de organizações políticas, culturais e intelectuais. (Ribeiro, 2019)

No ano de 2017, uma das unidades de Ensino Fundamental localizada na favela da Nova Holanda iniciou um projeto-piloto com seus alunos que retratam muito bem essa tentativa constante de superar essa agenda hegemônica no qual estamos inseridos. O projeto era de aulas de dança contemporânea, que se transformou em Grupo de Dança das Crianças da Nova Holanda. A ideia surgiu da Equipe Pedagógica da unidade educacional estabelecida em parceria com ONGs - Organizações Não Governamentais da localidade. As atividades eram escolhidas pelos próprios alunos a partir de seus interesses, sempre tendo a dança contemporânea como base para todo o trabalho. Nesse sentido,



acreditava-se estar respeitando a pluralidade das identidades e a construção das mesmas, do mesmo modo que era construído um novo currículo a partir destas ideias e experiências. Alunos e professores/dinamizadores enxergavam nesse espaço uma possibilidade de nova configuração escolar.

Dessa forma, o grupo constituído por 22 crianças, ensaiados por um professor morador da favela, ex-aluno dessa mesma ONG, estudaram, pesquisaram, organizaram e apresentaram espetáculos que versaram sobre a Bossa Nova (2017), Meio Ambiente (2018) e Empoderamento Feminino (2019), sempre utilizando a dança de rua.

Acreditamos que corpo é respeitado numa iniciativa como essa, em sua dinâmica, necessidades e expressões. O corpo ouve e o corpo fala. Foi a partir da expressão corporal que as crianças foram construindo coletivamente a proposta de trabalho anual. O planejamento das ações e a construção das coreografias eram definidos por todo grupo. O trabalho aconteceu ao longo dos anos letivos, sempre dentro da grade curricular e do horário de funcionamento da escola. As culminâncias aconteceram em apresentações para toda comunidade escolar no final do ano letivo, dentro e fora do espaço da escola.

. Nesse processo as crianças não apenas dançam. Eles produzem vídeos que compõem suas performances, são responsáveis pela criação dos cenários, realizam pesquisas para formação dos personagens. Apropriam-se da História da Maré, escrevem seus próprios textos e editam. Crianças que apresentavam diferentes dificuldades de aprendizagens e de autoestima surpreendem professores e familiares nesse processo. Pais e mães, acostumados a ouvir reclamações de maus comportamentos ou baixo rendimento escolar admiram-se com as potencialidades de seus filhos. Professores conseguem enxergar que não é só sentado em carteiras escolares que se produz conhecimento. Ou seja, através do corpo e riscando o chão com passinhos, essas crianças mostram a todos que existem outras formas de aprender.

## **Pensando em Conclusões**

É possível perceber as tensões culturais dialogando em todo processo, à medida que analisamos tal proposta. Esta já se caracteriza como dialógica em sua estruturação, organização e logística. Estamos nos referindo a um projeto de incentivo e promoção às artes, que acontece em Unidades Educacionais de uma região periférica de uma grande cidade, onde a população em sua maioria não tem acesso a bens culturais, mas que por sua vez se tornam produtores e consumidores de uma cultura própria, local. A proposta acontece em espaços escolares, mas não funciona a partir do currículo escolar formal, mas sim com atividades diferenciadas utilizando os espaços físicos e temporais diferentes dos habituais.

As equipes envolvidas na criação e implementação da proposta acreditando na importância da cultura local no processo formativo dos alunos, entendendo que, cabe à escola promover o acesso às diferentes patrimônios e expressões culturais que nem sempre são veiculadas no currículo formal, e consequentemente, deixado fora da escola, enxergou nessa proposta uma forma de fomentar o diálogo entre diferentes expressões culturais. Fazendo do espaço escolar um lugar de dinâmica das diferentes culturas, sem hierarquizações e/ou classificações qualitativas, um espaço intercultural.

Voltamos a reafirmar o que foi dito no início desse texto, precisamos entender quem somos e para quem somos, reconhecendo nossas falhas e potencialidades, nos reconfigurando e marcando nossos espaços, desconstruindo visões universais, hegemônicas, homogeneizadoras e segregadoras. Precisamos estar atentos ao que nos dizem as narrativas, por tanto tempo subalternizadas, que nos chega através de nossos alunos e nossos pares.

Nesses espaços, se faz necessário esquecer as ausências e dar luz a práticas e saberes que emergem no cotidiano, mas que são constantemente secundarizados à luz dos olhares hegemônicos. Pensar e olhar para além dos muros da escola.

## Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade* - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CANDAU, Vera Maria. (Org.) *Reinventar a Escola*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

CÂNDIDO, Flávia. *Insegurança Pública*. REDES DE DESENVOLVIMENTO DA MARÊ ( Org.) A Vida na favela: relatos sobre o cotidiano em meio à violência armada. 2019. Disponível em: <http://www.redesdamaré.org.br>. Acesso em 05 jan. 2020.

DINIZ, Edson. *A relação escola-família-vizinhança na favelada Maré e o Programa Escolas do Amanhã/Bairro Educador*. Tese (doutorado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2017.

DINIZ, Edson. *Apresentação*. REDES DE DESENVOLVIMENTO DA MARÊ ( Org.) A Vida na favela: relatos sobre o cotidiano em meio à violência armada. 2019. Disponível em: <http://www.redesdamaré.org.br>. Acesso em: 05 jan. 2020.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala* - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019

WALSH, Catherine. *Interculturalidade Crítica e pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver*. In: CANDAU, Vera Maria. (Org.). Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7letras, 2009.

WALSH, Catherine. *Notas pedagógicas a partir das brechas decoloniais*: In: CANDAU, Vera Maria. (Org.). Interculturalizar, Descolonizar, Democratizar: uma educação “outra”? Rio de Janeiro: 7letras, 2016.

VIANA, Arthur. *Militarização e o não direito à segurança pública*. In: REDES DE DESENVOLVIMENTO DA MARÊ (Org.) A Vida na favela: relatos sobre o cotidiano em meio à violência armada. 2019. Disponível em: <http://www.redesdamaré.org.br>. Acesso em 05 jan. 2020.

VIANA, Fernanda. *Atravessamentos Cotidianos*. REDES DE DESENVOLVIMENTO DA MARÊ (Org.) A Vida na favela: relatos sobre o cotidiano em meio à violência armada. 2019. Disponível em: <http://www.redesdamaré.org.br>. Acesso em 05 jan. 2020.